



Doutora GENÉRICO

Krisana Kraisintu lutou incansavelmente para levar a quem mais precisa medicamentos genéricos contra a Aids e a malária

POR ASHOK MAHADEVAN

Krisana Kraisintu, que está a caminho de um orfanato no sudeste da Tailândia, onde, em sua maioria, as crianças são portadoras de HIV, começa a se irritar. Quer levar-lhes Dunkin' Donuts. Mas, embora estejamos de olho desde que saímos de Bangcoc, há quase três horas, ainda não vimos nenhuma loja que venda as tais rosquinhas.

- Outra marca não serve? - pergunto-lhe, quando nos aproximamos do orfanato.

- Não - diz a renomada farmacêutica tailandesa. - As Dunkin' Donuts são doces e coloridas, as crianças adoram.

De repente, surge um supermercado Tesco Lotus. Ela entra correndo, encontra as rosquinhas e compra quatro caixas grandes.

Chegamos ao orfanato pouco antes do almoço. A Dra. Kraisintu arruma as caixas numa mesa e se vira assim que as crianças começam a encher o refeitório. Uma menina de vestido cinza vem correndo e joga os braços magrinhos em torno da ampla cintura da cientista. A Dra. Kraisintu lhe acaricia a cabeça e diz palavras carinhosas.

“Nuj foi abandonada ainda bebê na porta do orfanato”, conta. “É portadora do HIV e tem problemas cerebrais. Parece muito novinha, mas já tem uns 10 anos.” Com Nuj atrás, a Dra. Kraisintu perambula pela sala, conversando com as crianças que, barulhentas, devoram o almoço de peixe, ensopado e arroz. Um menino se apresenta a ela como Tor e diz que tem 7 anos.

– Estou aqui há um mês – diz ele. – É a primeira vez que a senhora vem?

– Não – responde ela. – Já estive aqui muitas vezes.

E esteve mesmo. Vir aqui é fundamental para a Dra. Kraisintu; os remédios desenvolvidos por ela são uma das razões de essas crianças estarem vivas e animadas. Mas cada visita ao orfanato também é um lembrete doloroso do preço que a Tailândia pagou por não ter, até cinco anos atrás, acesso fácil a remédios baratos para a Aids.

Embora os laboratórios farmacêuticos internacionais tenham começado a produzir medicamentos eficazes contra a Aids na década de 1990, eles eram tão caros que o governo tailandês não podia fornecê-los a pacientes pobres. Só os ricos podiam comprá-los. No início da década atual, mais de 450 mil tailandeses morreram de

Aids, em parte por não terem acesso a medicamentos baratos.

Mas, em 2002, em grande parte graças a Krisana Kraisintu, a Tailândia começou a produzir remédios baratos para tratar a Aids. O número de mortes despencou. Hoje, o país tem um dos melhores programas públicos de tratamento da doença no mundo em desenvolvimento, e a maioria dos pacientes pobres recebe a medicação de graça.

Os tailandeses não são os únicos beneficiados pela visão e dedicação da Dra. Kraisintu; seus remédios também são usados para tratar pacientes pobres no Laos, no Camboja e no Vietnã. E ela dedicou os últimos cinco anos a ajudar os africanos a combater a Aids e outra grande assassina: a malária.

A Dra. Kraisintu não planejava seguir carreira como farmacêutica. Apaixonada pelas artes, queria ser maestrina. Mas, com o avô praticante da medicina tradicional, o pai médico e a mãe enfermeira, a tradição familiar exigiu que ela entrasse para a faculdade de Medicina. Por poucos pontos, no entanto, não conseguiu passar, e teve de conformar-se com Farmácia.

Quando criança, a Dra. Kraisintu foi profundamente influenciada pela avó, monja budista.

“Ela se sentava na frente da casa e comprava todas as mercadorias dos vendedores de hortaliças que passavam, para que eles não tivessem de andar até o mercado”, comenta Kraisintu. “E costumava me dizer: ‘Se tiver oportunidade de fazer o bem, faça.’”

Enquanto cursava a faculdade de Farmácia, Kraisintu viajava regularmente para vilarejos longínquos nas montanhas e dava aos aldeões comprimidos de vitamina que ela e outros alunos preparavam no laboratório.

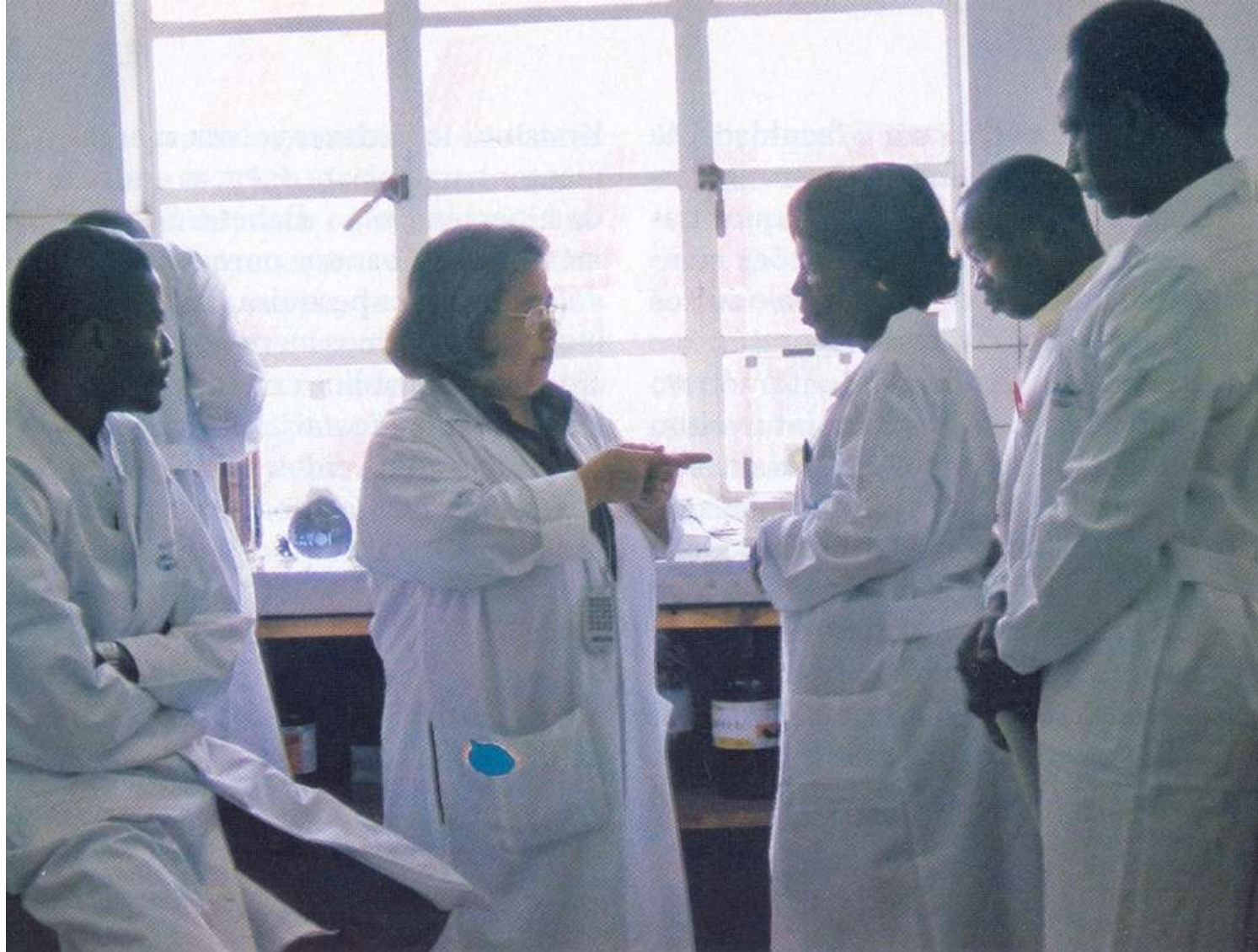
Em 1981, depois do doutorado no Reino Unido, a Dra. Kraisintu voltou à Tailândia. Ficou três anos ensinando farmacologia e depois foi trabalhar na GPO, o laboratório farmacêutico estatal. Em 1989, ela foi escolhida para chefiar o recém-criado instituto de pesquisa e desenvolvimento da instituição. Tinha 37 anos.

Como líder exigente e objetiva,

Kraisintu logo desenvolveu medicamentos baratos para doenças que iam da hipertensão ao diabetes. Seus remédios eram baratos porque não envolviam a cara pesquisa básica; eles usavam os mesmos ingredientes principais dos remédios criados por multinacionais ocidentais. Fabricar esses remédios, conhecidos como genéricos, não era ilegal, porque as paten-

Kraisintu está ajudando crianças doentes – vítimas da malária na África (à direita) e órfãos com Aids na Tailândia (abaixo).





tes originais já haviam expirado. Embora não seja tecnicamente difícil, o processo envolve muita pesquisa e experimentação.

Em 1992, com a Aids se espalhando rapidamente pela Tailândia, a Dra. Kraisintu decidiu fazer versões genéricas dos remédios conhecidos como antirretrovirais (ARVs). Ela se interessou principalmente pela zidovudina, substância que reduz a possibilidade de grávidas portadoras do HIV passarem o vírus aos filhos.

Mas Kraisintu não tardou a enfrentar oposição. A zidovudina, desenvolvida a princípio para combater o câncer, é extremamente tóxica, e seus colegas não queriam se arriscar.

“Achavam que iriam se contaminar”, recorda ela.

Ela sabia que, desde que se tomassem as precauções adequadas, seria seguro manusear as substâncias químicas para fazer a zidovudina. Assim, trabalhou sozinha. Usando máscara, luvas e óculos de proteção, começava às cinco e meia da manhã, sete dias por semana. Durante seis meses analisou medicamentos e experimentou formulações. Assim que os colegas perceberam que ela se mantinha com boa saúde, passaram a ajudá-la.

Em 1995, Kraisintu produziu as primeiras cápsulas de zidovudina genérica, a um quinto do custo do original de marca. Foi o primeiro ARV genérico do mundo em desenvolvimento.

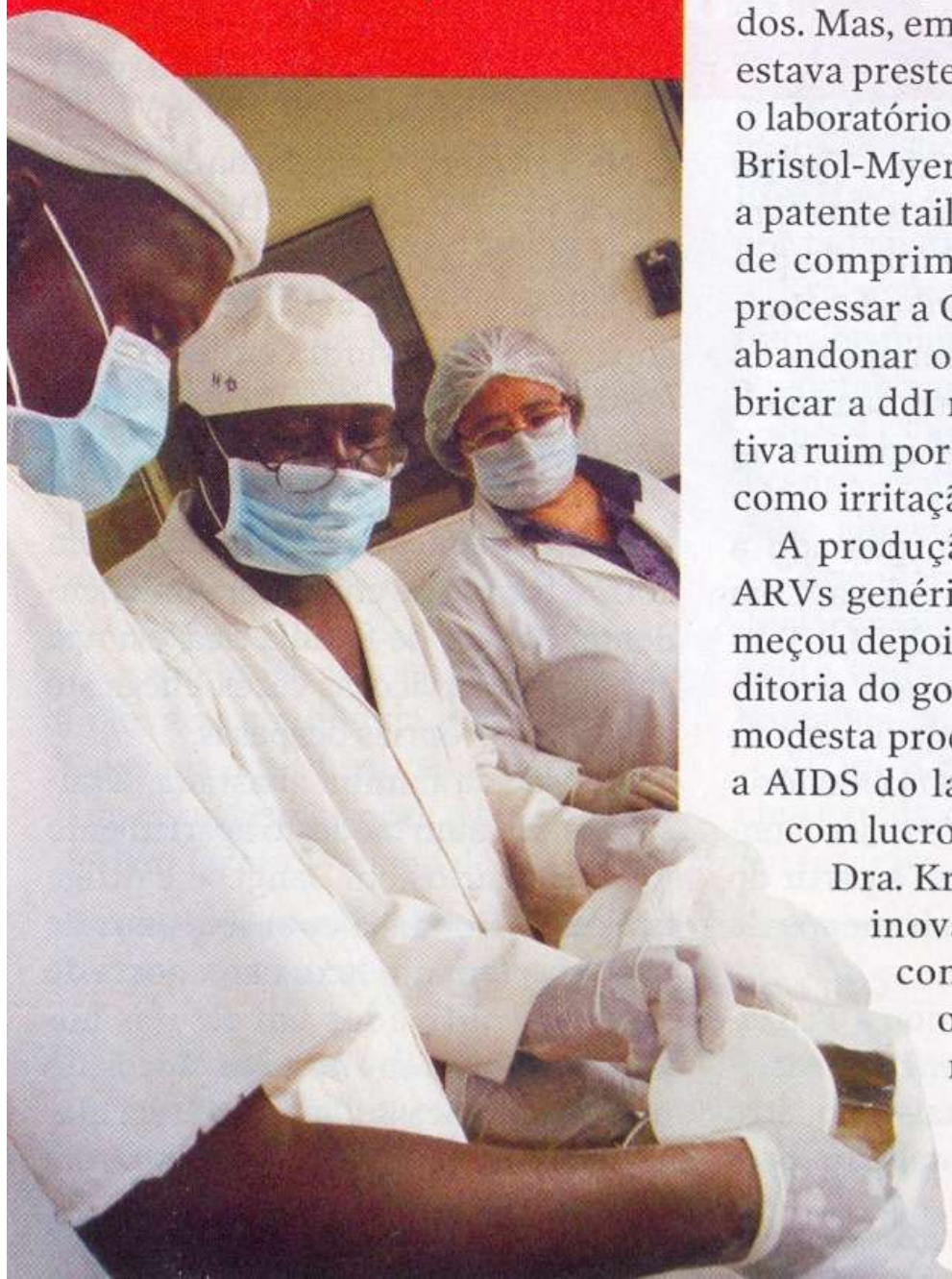
Naquela época, o governo tailandês iniciou um programa de tratamento da Aids. Como usava a zidovudina de

marca, só podia ajudar um pequeno número de pacientes. Apesar do potencial de beneficiar muito mais gente, o governo não adotou a versão genérica. Além disso, a diretoria da GPO decidiu não fabricar em grande escala os remédios genéricos para a Aids.

Kraisintu não se intimidou.

“Quando acho que algo não é justo, tenho de lutar”, diz ela.

Comprometida em difundir seu conhecimento, Kraisintu participa da luta contra a Aids no leste do Congo (à esquerda) e contra a malária em Mali (abaixo).



A Dra. Kraisintu produziu, em seu laboratório, o máximo possível de cápsulas e depois disse a jornalistas que o governo comprava zidovudina de marca a um preço várias vezes mais alto do que o do seu produto idêntico. Os ativistas tailandeses contra a Aids também apoiaram a causa. O governo enfim cedeu e comprou suas cápsulas.

A Dra. Kraisintu também preparou uma versão genérica do ARV didanosina (ddI), que retarda a disseminação do HIV no organismo e foi criado pelos Institutos Nacionais de Saúde do governo dos Estados Unidos. Mas, em janeiro de 1998, quando estava prestes a começar a produção, o laboratório farmacêutico americano Bristol-Myers Squibb (BMS) obteve a patente tailandesa da ddI em forma de comprimidos. O BMS ameaçou processar a GPO, e Kraisintu teve de abandonar os planos. Só poderia fabricar a ddI na forma de pó, alternativa ruim por causar efeitos colaterais, como irritação estomacal.

A produção em larga escala dos ARVs genéricos de Kraisintu só começou depois que, em 2000, uma auditoria do governo revelou que até a modesta produção de remédios para a Aids do laboratório era vendida com lucro. Pouco tempo depois, a

Dra. Kraisintu conseguiu outra inovação: criou o GPO-vir, comprimido que combina os três ARVs genéricos mais importantes, até então ministrados separadamente.

O comprimido combinado só precisava ser tomado duas vezes por dia, em vez das outras prescrições de 6 comprimidos diários, e era 18 vezes mais barato. Em consequência, hoje, mais de três quartos das 100 mil pessoas em tratamento para Aids na Tailândia tomam o coquetel três-em-um da Dra. Kraisintu.

No fim de 2002, a Dra. Kraisintu recebeu um telefonema dos donos de uma fábrica da República Democrática do Congo (RDC). Muitos funcionários estavam morrendo de Aids; será que ela poderia lhes fornecer o GPO-vir? Kraisintu, que já pensava em ajudar os países africanos a combater seus muitos problemas de saúde, concordou imediatamente.

Desde então, ela tem passado a maior parte do tempo na África. Com sua ajuda, em setembro de 2003, a Tanzânia passou a produzir uma versão genérica de artesunato, medicamento para combater a malária. O laboratório para produção de ARV genérico Congo, que Kraisintu projetou a partir do nada, começou a produzir menos de três anos depois.

Kraisintu também ajudou a Tanzânia a fabricar um ARV genérico e treinou o pessoal dos hospitais de quatro países da África Ocidental para pro-

Ela é amada por sua cordialidade e respeitada por seu rigor. Seu nome em suaíli é Simba Jike: leoa.

duzir supositórios de artesunato, tratamento elaborado por ela para crianças com quadros graves de malária. Além disso, em Mali, ajudou a transformar uma indústria farmacêutica quase falida no primeiro laboratório da África Subsaariana a produzir comprimidos contra malária em escala industrial. Os africanos a adoram por sua cordialidade e a respeitam pelo rigor.

Na Tanzânia, chamam-na de Simba Jike, leoa, em suaíli. Kata Data Alhousseini Maiga, funcionário público de Mali, ficou tão emocionado com a preocupação de Kraisintu com seus conterrâneos que lhe disse: “Gente como a senhora vai para o Céu.”

Kraisintu pediu demissão da GPO em 2002 e tornou-se consultora independente. Por ser de família rica, ela não cobra pelo serviço; às vezes, chega até a pagar as próprias despesas.

Apesar da família abastada, Kraisintu mora num modesto apartamento de dois quartos em Bangcoc e dirige um carro Honda já com sete anos de uso. Mas tem um luxo caro: gosta de mamões cultivados em estufas holandesas. “São muito mais doces do que os mamões tailandeses”, diz ela.

Estamos em setembro de 2007, em

Bangcoc, e a Dra. Kraisintu está numa sala de reuniões com quatro diretores da Fundação Mae Fah Luang, instituição de caridade que leva o nome da mãe do rei da Tailândia. Eles querem trabalhar com Kraisintu para abrir um laboratório que produza medicamentos baratos a fim de combater a malária em Mianmá e na província indonésia de Aceh. Kraisintu observa em silêncio a apresentação da fundação, às vezes mexendo no bloco de anotações à sua frente. Entretanto, quando a apresentação termina e ela começa a falar, sua presença domina a sala. Ela fala com educação, faz várias piadas e não levanta a voz. Mas a mensagem é simples e direta. A malária é muito menos predominante em Mianmá e Aceh do que na África.

“Dos 35 milhões de habitantes da Tanzânia, 95% sofrem de malária”, diz ela. “Construam o laboratório na África e mandem de lá para o Sudeste Asiático o que for necessário.” A Dra. Kraisintu também diz aos diretores que deviam fornecer próteses ao grande número de pessoas da África Central que perderam a perna em explosões de minas terrestres.

Os diretores estavam chocados com a elevada incidência de malária na Tanzânia. Mas logo começam a falar com entusiasmo sobre o bem que poderiam fazer tão longe de casa.

A exortação de Kraisintu gerou frutos. Em futuro bem próximo, a fundação enviará quatro médicos de Burundi para a Tailândia, com o objetivo de estudar próstética. “Escolhemos médicos que também são deficientes físicos, porque terão mais empatia”, diz ela.

A Dra. Kraisintu, que fará 57 anos em dezembro, parece cheia de entusiasmo, mas sua amiga íntima, Achara Eksaengsri, diz que ela trabalha demais e descansa de menos. Não estaria na hora de diminuir o ritmo?

Em vez de responder, a Dra. Kraisintu sorri e fala do laboratório farmacêutico de Mali, que fez reviver em 2006. Quando chegou, o laboratório estava em mau estado. Ninguém sabia usar a sofisticada aparelhagem de análise. Havia componentes espalhados por toda parte.

Kraisintu passou duas semanas de trabalho minucioso ajudando a equipe a montar a aparelhagem e treinando-a a usá-la. Quando terminou, Gaussau Traore, chefe de controle de qualidade, abraçou-a.

“A senhora é como Deus para nós”, declarou ele. “Obrigado por fazer a gente voltar a se sentir como seres humanos capazes.”

A Dra. Kraisintu faz uma pausa e em seguida diz: “Na vida, é isso que me faz feliz.”

ARTE ABSTRATA – TÓ FORA!

Estava quase decidida a fazer plástica, até que reparei nos quadros da parede do consultório do médico: todos de Picasso. *Rita Rudner, EUA*